



Dossiê História do Ensino de Sociologia

Volume 4, número 3, dez. 2015

Trajatória e Contribuições de Florestan Fernandes para a Institucionalização do Ensino de Sociologia no Brasil¹

Maria Teixeira²

Abenizia Auxiliadora Barros³

Francisco Xavier Freire Rodrigues⁴

Resumo

No sentido de contribuir para o entendimento histórico da Sociologia no Brasil, este estudo propõe discutir o papel do sociólogo Florestan Fernandes para o desenvolvimento do ensino de uma Sociologia brasileira. As reflexões de Florestan Fernandes desenvolveram análises críticas sobre a constituição histórica da sociedade brasileira, levantando questionamentos acerca das transformações sofridas no âmbito da urbanização; industrialização; educação; regimes e governos, entre outros. Esta revisão bibliográfica teve como embasamento teórico algumas obras do próprio Florestan Fernandes, e também de alguns de seus comentadores, destacando: a) Sua contribuição na institucionalização do ensino de Sociologia no Brasil; b) Participação na luta em defesa da escola pública; c) Criação da Sociologia brasileira. Florestan Fernandes defendia o estudo de Sociologia no Ensino Médio pautado nas referências metodológicas básicas e na variação de estratégias de ensino, procurando sempre adaptar o ensino de Sociologia às condições brasileiras. Participou do cenário político, sendo eleito deputado Federal por duas vezes. Em defesa da escola pública e da educação em geral atuou nas subcomissões da constituinte de 1988, destacando-se no debate sobre o projeto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDB. Influenciado pelo marxismo, foi o criador da teoria crítica sociológica no Brasil, e seus estudos assumiram um viés interpretativo sobre os dilemas da dominação de classes no país, tornando a leitura de sua obra indispensável para o conhecimento histórico da organização da sociedade brasileira e da sociologia no Brasil. Obra que influenciou diversos manuais de sociologia.

Palavras-Chave: Florestan Fernandes. Educação. Sociologia Brasileira.

¹A primeira versão desse texto foi apresentada no Grupo de Trabalho História do ensino de Sociologia no Brasil, coordenado por Marcelo Pinheiro Cigales – UFSC e Cristiano das Neves Bodart - USP, no IV ENESEB – Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica, realizado entre os dias 17 e 19 de julho de 2015, São Leopoldo/RS.

²Graduanda do 7º semestre em Ciências Sociais no Instituto de Ciências Humanas e Sociais/UFMT, bolsista PIBID/Sociologia – UFMT. E-mail: mariamtartes@hotmail.com.

³Graduanda do 3º semestre em Ciências Sociais no Instituto de Ciências Humanas e Sociais/UFMT, bolsista PIBID/Sociologia - UFMT. E-mail: ab-denize@hotmail.com.

⁴Doutor em Sociologia pela UFRS, professor de Sociologia do Departamento de Sociologia e Ciência Política, Universidade Federal de Mato Grosso, Coordenador do PIBID/Sociologia – UFMT. E-mail: fxsociologo@yahoo.com.br.

Trajectory and Contribution of Florestan Fernandes for the Institutionalization of the Teaching of Sociology in Brazil*

Abstract

In order to contribute to the historical understanding of sociology in Brazil, this study aims to discuss the role of the Sociologist Florestan Fernandes for the development of education of a Brazilian Sociology. Florestan Fernandes' reflections developed a critical analysis of the historical constitution of the Brazilian's society, raising questions about the transformations suffered in the context of urbanization; industrialization; education; political regimes and governments, among others. This literature review has the theoretical basis in some works of Florestan Fernandes himself, and also some of his commentators, notably: a) His contribution to the institutionalization of Sociology of education in Brazil; b) Taking part in the struggle over the defense of public education; c) The foundation and development of the Brazilian Sociology. Florestan Fernandes defended the study of Sociology in High School in line with the basic methodological references and using different teaching strategy methods, always trying to adapt the sociology education to the Brazilian conditions. He participated in the political arena and was elected federal deputy twice. In general, in the defense of the public school and education, he took part in the 1988 constituent of subcommittees, especially in the debate of the bill for the Guidelines of the Bases of the National Education, the LDB. Influenced by Marxism, he was the creator of the critical sociological theory in Brazil, and his studies took an interpretive bias on the dilemmas of the social class domination in Brazil, making the reading of his work indispensable to the historical knowledge of the organization of Brazilian society and sociology in Brazil. Work has influenced many sociology textbooks.

Keywords: Florestan Fernandes. Education. Brazilian Sociology.

1 INTRODUÇÃO

Nas obras de Florestan Fernandes percebemos uma constante preocupação com os oprimidos e seu olhar sempre focado nessa perspectiva, pois também se considerava um. Nesse sentido, criou uma maneira própria de interpretar a realidade social do Brasil.

Florestan Fernandes fazia uma ligação das suas razões e pretensões como sociólogo e educador com o seu passado, quando passava dificuldades ao lado da sua mãe sem se importar com o modismo e rotulações da época, aos quais sempre teceu críticas. Afirmava que “as modas vão e vêm”, e que “o pensamento criador, dentro da ciência ou fora dela, fica”. (FERNANDES, 1977, p .141). Desde seu ingresso na universidade como estudante e depois professor, demonstrou uma preocupação constante em suas pesquisas com o uso adequado do método, percebendo a diferença de objetivos entre pesquisa, ensino e a natureza pedagógica dos processos de ensino-aprendizagem.

O objetivo do estudo consiste em *ressaltar* a importância da contribuição de **Florestan Fernandes** para a institucionalização da Sociologia no Ensino Médio, e a sua luta por uma escola pública democrática e de qualidade no Brasil. Contribuições essas, marcadas pelas suas convicções

políticas e pelo senso de militância, destacando a importância do pensamento crítico e científico de Florestan Fernandes para o pensamento brasileiro.

Propondo discutir e conhecer a trajetória de Florestan Fernandes como sociólogo e educador, esta revisão bibliográfica teve como embasamento teórico algumas obras do próprio Florestan, e também alguns de seus comentadores, focando sua contribuição na institucionalização da Sociologia no Ensino Médio; a sua participação na luta em defesa da escola pública e na criação da Sociologia brasileira. Toma-se como principais obras pesquisadas:

1. *A Sociologia no Brasil* (1977), livro composto por uma coleção de ensaios reeditados, e que serviram como base para que os sociólogos brasileiros da época resistissem à repressão que se instalava no Brasil proveniente do golpe militar de 1964. Esses ensaios estão divididos em duas partes na obra, trazendo primeiro *Os Quadros de Formação*, com o intuito de nortear o sociólogo brasileiro na prática do seu ofício; e na segunda parte *Os Quadros de Ruptura*, contribuindo de forma crítica para a criação de um novo paradigma do pensamento sociológico brasileiro;
2. *A Condição de Sociólogo* (1978), obra resultante de uma entrevista concedida a Antônio Trajano Menezes Arruda, Caio Navarro de Toledo, João Francisco T. Lima e Ulisses Telles Guariba Netto, publicada primeiramente na revista *Trans/Formação*, na qual Florestan Fernandes expõem suas convicções científicas e políticas marcadas pelo senso de militância, prezando sempre pela ética e os deveres públicos imperiosos, a exemplo: sua luta em defesa da escola pública;
3. *Florestan Fernandes* (2010), obra que compõe a Coleção Educadores do MEC, de Marcos Marques de Oliveira, trazendo relatos de toda a trajetória do sociólogo Florestan Fernandes, que está entre os trinta brasileiros escolhidos por representantes do MEC, instituições educacionais, de universidades e da UNESCO, para compor a coleção pelo critério de reconhecimento histórico e do alcance de suas reflexões e contribuições para o avanço da educação;
4. *A Produção Sociológica de Florestan Fernandes e a Problemática Educacional: Uma leitura (1941-1964)*, tese de doutorado de Débora Mazza, apresentada ao departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, em 1997; uma análise cronológica e temática, abrangendo dois períodos marcantes da vida de Florestan Fernandes, o período de sua formação acadêmica e o período de trabalho docente na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo;

5. Os artigos: *O Professor Florestan e nós*, de José de Souza Martins; *Florestan Fernandes: socialização escolar da Sociologia e o desenvolvimento social do Brasil*, de Maycon Bezerra de Almeida; *Florestan Fernandes e a Educação*, de Demerval Saviane; e *Florestan Fernandes: revisitado*, de Barbara Freitag. Obras que reafirmam a esperança que Florestan Fernandes tinha na educação e no alcance de uma escola pública democrática e de qualidade.

2 DE FILHO DE IMIGRANTE ANALFABETA À PROFESSOR DE SOCIOLOGIA DA USP

Florestan Fernandes afirmava que teria iniciado sua formação sociológica aos seis anos de idade, quando precisou “ganhar a vida” como um adulto, adentrando ao mundo hostil de uma cidade, em busca da sobrevivência. Ele não estava sozinho no mundo, tinha a sua mãe, que era uma imigrante portuguesa, analfabeta, empregada de uma casa de família (FERNANDES, 1977).

Na condição de afilhado da patroa de sua mãe, teve oportunidade de frequentar a escola e aprender a ler, mas logo precisou abandonar os estudos para começar a “ganhar a vida”. Sua infância e adolescência foram marcadas pela busca de trabalho dos mais variados, muitas vezes degradantes. Essa relação, sofrendo as pressões do poder, era o que lhe forçava a fazer uma constante busca para superar as suas condições precárias de vida.

Na casa de sua madrinha ou de outros empregadores seu, ou de sua mãe, teve a oportunidade de conviver com famílias de várias nacionalidades, e pode perceber o que era “ser” e “viver como gente”. Desse modo, foi dando conta da complexidade do mundo, e através das amizades vislumbrava uma luz para sair daquela condição em que se encontrava. Percebeu que, embora difícil, podia romper a barreira que a pobreza lhe impunha – o típico morador pobre da cidade da década de 1920, que fazendo parte da “cultura do inculto”, não se urbanizava, por ter seu próprio estilo de vida. (FERNANDES, 1977).

Dentro da/s cidade/s encontravam-se nichos, nos quais eram mantidas pequenas cidades culturais. Nesses, pessoas de diversas nacionalidades e gente do interior não escondiam suas misérias, vivendo dentro dessas “fortalezas”. Por outro lado, os ricos se protegiam isolando-se culturalmente, para não pôr à prova seu nível social.

Assim, Florestan Fernandes, enquanto menino, aos poucos ia se convertendo em um ser humano especial, fascinado pela pompa e pelo luxo de uns e de outros, trabalhando na rua, passava o dia presenciando o contraste entre a fome e a fartura.

O pouco tempo na escola, durante a infância, marcou seus ideais de vida, adquiriu um amor pela leitura e aos poucos foi abrindo seu próprio caminho, tornando-se um autodidata, com vontade de vencer a castração cultural invisível, a qual era submetido.

Florestan Fernandes não pretendia cultivar a ignorância como uma virtude, e também não aceitou a servidão como um estado natural do homem. Na ânsia de sair deste círculo de pobreza, do submundo em que vivia, teve que enfrentar a pressão negativa dos amigos e até mesmo da mãe. Para saciar a sua curiosidade intelectual decidiu, aos 17 anos, fazer o curso de madureza⁵ no Ginásio Riachuelo. Nos anos de 1930 e 1940, o curso (madureza) era uma alternativa de obtenção de certificado para aquelas pessoas que não seguiram o ensino regular, e também uma forma de acesso ao ensino superior, uma alternativa em um contexto em que havia pessoas autodidatas, como era o caso de Florestan.

A minha bagagem intelectual era produto do estranho cruzamento de um autodidatismo forçado com a curta aprendizagem compacta, realizada através do Riachuelo. Graças a uma regalia instituída pelo artigo 100 dos cursos de madureza, eu podia tanto candidatar-me aos exames de seleção para o pré, subordinado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, quanto tentar os exames de habilitação para a secção de ciências sociais e políticas. (FERNANDES, 1994, 128).

O trabalho em bares e restaurantes possibilitou a Florestan Fernandes ter relação com pessoas de “valor”, entre estes, jornalistas e professores. Foram esses amigos que lhe ajudaram numa segunda etapa de socialização.

Com a ajuda de professores que frequentavam o bar em que trabalhava, conseguiu ingressar no curso de madureza no Ginásio Riachuelo, em seguida trocou de emprego, o que lhe possibilitou pagar seus estudos e manter sua mãe. O novo emprego e a condição de estudante do Riachuelo, além de representar uma ruptura com uma condição social dada, abriam novos horizontes, novas vias de socialização, o que lhe possibilitou convivência com a música, a dança, e o convívio com moças belas e educadas. Nessa esfera Florestan Fernandes estava atrasado, logo descobriu que a cidade tinha encantos proibidos, e percebeu que podia “lançar-se na corrente e viver como gente”. (FERNANDES, 1977, p.148).

⁵ Curso de Madureza – Nas décadas de 1930-1940, o ensino médio seriado foi organizado, conforme o Decreto 21.241 de 04 de abril de 1932, Art.100. (<http://www.planalto.gov.br>). Os exames foram vinculados à educação de adultos, como forma de alternativa para as pessoas que não seguiram o ensino regular. Denominados exames de madureza ginásial e colegial que podiam ser acessado por pessoas maiores de 18 e 20 anos. Em 20 de dezembro de 1961 a LDB reitera a existência desses exames, rebaixando a idade mínima para 16 e 18 anos. Isto ocorreu numa época de grandes transformações no Brasil, com a urbanização e industrialização do país, crescia a demanda por escolarização. (PIERRO, 2015, p.1-2).

Foi no Riachuelo que Florestan Fernandes começou a alargar seus horizontes e alçar voo por conta própria, converteu-se gradualmente em um intelectual e começou a pensar seriamente em fazer um curso superior; decidiu que seria professor.

Florestan Fernandes candidatou-se aos exames de seleção para o pré-vestibular, subordinado a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, e também, aos exames de habilitação para a seção das Ciências Sociais e Políticas, ambos da Universidade de São Paulo. Foi aprovado em ambos os cursos, optando pelas Ciências Sociais e Políticas, por ser um curso com o qual ele se identificava e também por ser noturno, pois tinha que continuar trabalhando pra se manter.

O início da faculdade não foi fácil, as falhas de formação e de informação eram enormes. Os professores, mestres estrangeiros não facilitavam o acesso ao conhecimento, ministrando as aulas em sua própria língua, como se os alunos brasileiros tivessem o mesmo nível intelectual do Ensino Médio europeu. Só a partir do final do segundo ano de faculdade que Florestan Fernandes se sentia no mesmo nível dos outros colegas, para responder às exigências da situação no curso. (FERNANDES, 1977, p.155).

A experiência universitária produziu aos poucos seus efeitos psicossociais e intelectuais. As relações com os colegas que no início eram distantes, por pertencerem a classes sociais distintas, com o tempo a socialização entre eles foi se alargando. Seu esforço nos trabalhos de aproveitamento facilitou a relação com os professores, que passaram a convidar Florestan Fernandes para frequentar suas casas, e para entrevistas pessoais acerca da possibilidade de vir a desenvolver trabalhos, indicados por esses professores.

Em 1941, dedicou-se a produção de dois destes trabalhos, *“A Evolução do Comércio Exterior no Brasil da Independência de 1940”*, sob orientação do professor Paul Hugon, e outro, a pedido do professor Roger Bastide, sobre *“O Folclore em São Paulo”*. Nesse mesmo ano, fez um curso monográfico sobre Hegel que foi ministrado pelo professor Jean Maugué, em francês, fato esse que exigiu muito esforço por parte dos alunos, para obterem aproveitamento e não perderem a oportunidade de angariar conhecimento para a formação intelectual.

Também em 1941, Florestan Fernandes fez um curso do professor Galvani, sobre estatística matemática, ministrado em italiano, e ainda participou de cursos dos professores Arbousse Bastide, Roger Bastide e Paul Hugon, professores com um altíssimo padrão de exigência.

Em 1942, o professor Roger Bastide apresentou Florestan Fernandes a Sérgio Milliet. Na ocasião, sugeriu que arrumasse um emprego para Florestan na biblioteca municipal, o que além de ser um cargo público, lhe proporcionou a oportunidade de começar a escrever para o jornal *O Estado de São Paulo*.

Aos 22 anos, Florestan Fernandes, já estava escrevendo na revista *Sociologia*, no jornal *O estado de São Paulo* e na *Folha da manhã*, o que lhe conferiu prestígio e notoriedade entre os intelectuais da sociedade paulistana. Entre as décadas de 1940 e 1950, construiu sólidas amizades e relações intelectuais com Fernando de Azevedo e Antônio Candido.

Em 1944, Florestan recebeu vários convites de professores para trabalhar como assistente, entre eles estão: Fernando de Azevedo, da cadeira de Sociologia II; Eduardo Alcântara de Oliveira, da cadeira de estatística e Paul Hugon, da cadeira de Economia. Aceitou o convite de Fernando de Azevedo para ser seu segundo assistente, começando a carreira docente em 1945, na cadeira de Sociologia II da USP.

No ano de 1945, Florestan Fernandes ministrou seu primeiro seminário na Faculdade de Filosofia, sobre “As regras do método sociológico de Durkheim”, nesse mesmo ano começou a cursar o mestrado na Escola Livre de Sociologia e Política. Nesta Escola já haviam passado a professora Lucila Hermann, a professora Gioconda Mussolini, entre outros assistentes da faculdade, observando que havia certa resistência por parte da Escola com relação a esses alunos, tanto que o próprio Florestan já havia sido reprovado numa primeira tentativa de ingresso em 1944, sob alegação de que seu inglês era ruim.

O que compunha uma das forças de Florestan Fernandes eram a vastidão e variedade de suas leituras, tendo por convicção que o interesse intelectual tem deveres públicos imperiosos. Nele, predominam as convicções científicas e políticas, marcada pelo senso de militância.

Um militante do tipo especial, absorvente, mas também aberto, intransigente na luta, mas tolerante com as ideias diferentes, teimoso e de repente cordato, o que lhe permitiu forjar instrumentos mentais de pesquisa e interpretação dotados da mais ampla flexibilidade (CANDIDO, 1978, p.IX).

O trabalho sociológico de Florestan Fernandes sempre foi norteado pelo senso dos problemas relevantes da sociedade, e pela ativa intervenção do sociólogo na realidade, como a campanha pela escola pública e a promoção dos estudos sobre o negro. Além do grande intelectual, foi um homem de luta, um militante sem repouso, inquieto e dedicado. Suas reflexões desenvolveram análises críticas sobre a constituição histórica da sociedade brasileira, levantando questionamentos acerca das transformações sofridas no âmbito da urbanização; industrialização; educação; regimes e governos, entre outros.

Florestan Fernandes foi autor de um extenso número de livros, artigos e ensaios, dos quais se destacam: *Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica*, *Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada*; *Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América Latina*, *Sociedade de Classes e Subdesenvolvimento*; *O Negro no Mundo dos Brancos*; *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*; *Mudanças Sociais no*

Brasil; A Revolução Burguesa no Brasil e Circuito Fechado. Quando questionado sobre a interpretação de toda a sua produção científica, argumentava que as preocupações teóricas de qualquer intelectual que trabalha com problemas, que dizem respeito às sociedades humanas, se alteram ao longo do tempo.

Após terminar seu curso na Faculdade de Filosofia passou por uma crise moral, na qual se perguntava – sabia o suficiente para ser um sociólogo? Objetivando solucionar as lacunas na sua formação acadêmica e intelectual organizou um programa de estudo de 18 horas por dia, um verdadeiro trabalho de autodidata. Achava isso uma necessidade, por não ter um estudo secundário que alimentasse o desenvolvimento intelectual. Os estudantes que chegavam a USP tinham uma deficiência muito grande de aprendizagem.

A institucionalização acadêmica na década de 1940 era parcial, e a preocupação para entrosar o ensino com as potencialidades culturais do ambiente nasceu com Florestan Fernandes e seus colegas. Tornaram-se professores e com isso puderam introduzir inovações, enfrentando e resolvendo esses problemas.

Só mais tarde, no departamento de Sociologia e Antropologia, por influência de Florestan Fernandes e Antônio Candido, deu-se mais atenção ao Ensino Básico, procurando instruir melhor o estudante naquilo que é elementar, essencial e geral. Foi por influência deles, também, que mais tarde surgiram os cursos de técnica e métodos aplicados a investigação; curso de técnicas e métodos aplicados à parte lógica e de construção da inferência, mostrando as diferentes formas de procedimentos para a obtenção de dados científicos, entre eles, “o indutivo e o dedutivo, métodos que são importantes para a construção da base teórica de todas as ciências”. (OLIVEIRA, 2002, p. 63, *apud* ROVER, 2006, p.24).

Dedução e Indução são métodos que não se opõem e estão ligados a um mesmo segmento de raciocínio. No método dedutivo, o raciocínio parte do geral para o particular e considera que a conclusão esta implícita nas premissas. O método indutivo parte do particular para o geral. A conclusão indutiva é a passagem de um conjunto de casos finitos, para um conjunto maior, infinito, de casos, para afirmação de uma lei geral.

Esses cursos de técnicas e métodos contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa e do trabalho intelectual, já que a Faculdade de Filosofia parecia mais ser uma espécie de ponto menor de uma boa instituição universitária francesa, voltada para uma formação de intelectuais que, porventura, iriam ensinar a matéria. Naquele momento, havia certa negligência quanto ao treinamento do investigador e sobre o preparo teórico que o investigador deveria ter. Florestan Fernandes, paralelamente ao curso de licenciatura que fez em 1944, realizou o esforço em leituras e o

curso de pós-graduação na Escola Livre de Sociologia e Política, o que o ajudou a adquirir condições intelectuais mais amplas. (FERNANDES, 1977, p. 168).

O trabalho que realizou com o professor Roger Bastide, sobre o folclore paulistano, desenvolveu em Florestan Fernandes uma exigência acadêmica maior, o que o levou a pensar na relação entre pesquisa e teoria de um modo mais instrumental. Ele descobriu que a pesquisa é instrumental para o trabalho intelectual, e que a teoria se constrói através da pesquisa.

Paralelamente ao trabalho na universidade, Florestan Fernandes estava envolvido nas lutas clandestinas contra o Estado Novo e no movimento Trotskista, de extrema esquerda, no qual tinha um contato maior com o marxismo. Mesmo estando envolvido no plano político com o movimento marxista, não confundia o socialismo com sua atividade docente, apenas se detinha a compreender Marx e Engels em termos da contribuição que davam às Ciências Sociais. Reconhecendo as limitações que a crítica marxista pode mostrar, ela permitia a reflexão dos grandes temas sociológicos do presente, para a crítica do comportamento conservador, para os problemas da Sociologia do conhecimento ou para a natureza ou as consequências do planejamento democrático e experimental. (FERNANDES, 1977, p.172).

Em 1952 Florestan assume a cadeira de Sociologia I, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, substituindo Roger Bastide que retornava à Europa.

3 O PROFESSOR INTELECTUAL

Com a colaboração de professores de outras cadeiras, Florestan deu início a organização de um grupo de pesquisa, que a princípio formavam-se pequenos grupos que desenvolviam projetos de investigação, programas de ensino, atividade extra acadêmica, entre outros. Em um pequeno grupo inicial podemos citar nomes como: Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni e Renato Jardim Moreira, que deu origem ao que posteriormente veio a se chamar “Escola de sociologia da USP”, ou por “Escola de Sociologia de Florestan Fernandes”, esse grupo trabalhou ligado Florestan durante período que vai de 1954 a 1969, encaminhando projetos que visava vincular a investigação sociológica a transformação da sociedade brasileira, ou seja, o grupo definia a função do cientista social com a responsabilidade de estudar as condições inerentes da situação brasileira. (MAZZA, 1997).

Percebendo a dificuldade de alguns alunos que fugiam de suas aulas, Florestan Fernandes começou a pensar o ensino em termos instrumentais, procurando estabelecer uma ligação entre o que

o estudante aprendia e o que ele deveria aprender. Fazendo críticas a si mesmo e ao seu trabalho e também ao trabalho intelectual de seus antigos professores, encontrou em Antônio Candido uma identificação de reflexões e críticas. Formando uma espécie de duo, começaram a trabalhar no sentido de simplificar os programas, tornando-os menos gerais, introduzindo matérias que os estudantes não aprendiam, procurando desta forma compensar aquilo que o estudante não aprende na escola secundária. Ao mesmo tempo davam uma maior importância ao Ensino Básico.

O grupo de pesquisa considerado “Escola de Sociologia da USP”, se dispersou em 1969, por ocasião das aposentadorias compulsórias de Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni e outros. Atribui-se a esse fato o retorno de Florestan somente em fins de 1972, quando volta novamente para o Brasil, na condição de professor de cursos de extensão cultural no Instituto Sedes *Sapientiae*. Em 1977, foi contratado como professor pela pontifícia Universidade Católica de São Paulo, tornando-se professor titular nesta universidade em 1978.

Florestan Fernandes passou por várias fases. A primeira é a do professor da década de 1940, aquele que ao mesmo tempo em que construía o seu saber, construía a possibilidade de saber dos outros. Essa foi a fase de consolidação do intelectual, em termos de universidade. A segunda fase, década de 1950, é aquela do professor Florestan apaixonado pela explicação dos saberes do mundo, uma fase de florescimento, de autoafirmação e que engendrava uma era de conflito. Conflito que se tornou negativo e destrutivo, através da reação da revolução burguesa, e do seu estado contrarrevolucionário, na qual se perderam posições e continuidade de trabalho, além de muitos elementos de valor que na escola de grupos desaparecem. Mesmo assim, Florestan Fernandes considerava esta revolução produtiva, por achar todo conflito produtivo. A terceira fase, data do final da década de 1950 e começo da década de 1960, na qual ele transforma seu saber e a compreensão que tinha do mundo numa poderosa arma de combate. Essas fases, mesmo em etapas distintas se misturavam, porque para Florestan o saber estava em estado de construção constante, e sempre afirmava “que é necessário educar e educar-se para a vida”. (FERNANDES, 1977, p.176).

Florestan Fernandes sempre acreditou na máxima que afirma ser o professor, antes de tudo, um educador, ou seja, formador de homens, e sua preocupação nesse sentido, era o fato de que tal verdade pudesse cair no esquecimento, devido à forma como se dava a expansão e institucionalização do magistério, impetrando assim uma compreensão restritiva do real papel do professor. Florestan se posicionava de maneira radical, e além de se constituir como um professor sério e responsável toma como necessária a conversão da cadeira de Sociologia I da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, em um verdadeiro espaço educativo, com o propósito de formar quadros de alto nível no campo das Ciências Sociais. Ademais, como não dispunha dos mesmos recursos cedidos para outros,

como no caso das Ciências Exatas, a solução foi utilizar a cadeira de Sociologia I para formação do quadro acima citado, tornando-o um espaço propício para realização de um trabalho de alto nível intelectual. “Florestan transformou a cadeira de Sociologia I num espaço educativo por excelência cujos influxos significativos extrapolaram os limites da instituição que a sediava, irradiando-se pelo país e repercutindo inclusive no exterior”. (SAVIANI, 1996, p.75).

Em sua Sociologia de interpretação crítica da realidade social, argumentava que o desenvolvimento do Brasil, seria mais facilmente superado se a educação fosse orientada para a formação de cidadãos capazes de aderir crítica e conscientemente aos desafios do planejamento, dentro da nova ordem social.

A posição do ensino secundário no sistema educacional brasileiro permite defini-lo sociologicamente, portanto, como um tipo de educação estática, que visa unicamente a conservação da ordem social. Também parece evidente que a persistência da velha mentalidade educacional e a influencia dos círculos sociais se explicam, sociologicamente, pelo fato das tradições e de instituições sociais como a família ou a Igreja manterem ainda uma parte considerável de sua atividade educativa. (FERNANDES, 1977, p.112).

No começo da década de 1960 surgem vários movimentos, destacando-se um dos mais importantes. Tratava-se do Movimento de Defesa da Escola Pública, do qual Florestan Fernandes e Antônio Candido faziam parte, juntamente com outros educadores que sugeriram a incorporação do sistema escolar brasileiro na Constituição brasileira, e certas medidas globais para disciplinar e racionalizar o sistema educacional do país. Esta inspiração dos educadores, alimentada por uma consciência utópica da realidade educacional e de suas perspectivas de transformação racional, provocou uma mudança cultural e fez com que nascesse a Lei de Diretrizes e Bases. Abrindo desta forma, oportunidade de organizar o sistema de ensino nos debates, para a visualização da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

Florestan Fernandes sempre esteve engajado nos movimentos em defesa de uma escola pública, laica e gratuita, e os textos por ele produzidos foram de grande contribuição para isso, inseridos no contexto das lutas que envolveram o processo de tramitação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação brasileira, que se estendeu de 1946 a 1961.

A polêmica sobre a LDB provocou um dos maiores movimentos de opinião em torno dos problemas da educação no Brasil, rendendo frutos significativos, sendo o mais importante, a realização da “I Convenção Estadual de Defesa da Escola Pública”, que aconteceu em maio de 1960, em São Paulo, reunindo estudantes secundaristas e de escolas superiores, professores, intelectuais e também líderes operários. Desde 1932 não se via no Brasil um movimento tão intenso, envolvendo a opinião pública em torno dos problemas educacionais.

A Constituição de 1946 determinou que fosse de competência da União, legislar sobre esta Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Em 1947, a pedido do Ministro da Educação, Clemente Mariani, foi instituída uma comissão para preparar um projeto de lei, que foi encaminhado ao Congresso Nacional em outubro de 1948 e sancionada pelo Presidente da República em 1961. (OLIVEIRA, 2010, p.38).

O movimento em Defesa da Escola Pública, campanha desencadeada durante a I Convenção Estadual em Defesa da Escola Pública foi uma resposta à interferência conservadora no processo político legal, em que se discutia a Lei de Diretrizes e Bases. Empenhado nesta campanha, Florestan Fernandes descobriu líderes sindicais de vários tipos, dos oportunistas a outros sérios e empenhados na luta por uma mudança, entre eles homens de grande talento e ação, altruístas e empenhados na reconstrução democrática da sociedade brasileira. Esta participação lhe possibilitou descobrir que a Sociologia precisa responder as expectativas que não devem nascer dos donos do poder, mas sim de critérios racionais de reforma, levando em conta as necessidades da nação como um todo, ou das pressões históricas de grupos inconformistas.

Posteriormente, ocorreram movimentos mais significativos e de maior amplitude política, com um nível mais alto e aberto de radicalização. É que, com a mudança do contexto histórico depois de 1964, o controle conservador tornou-se mais rígido, explícito e implacável. (FERNANDES, 1978, p.65).

Depois de 1966, os estudantes, os operários, os intelectuais, padres e alguns políticos e líderes sindicais, vão saindo da perplexidade, do isolamento e do temor, especialmente entre 1967 e 1968, foi então que ocorreram movimentos de muito maior importância, densidade e significação política. Os grupos conservadores se apropriavam dos meios de comunicação de massa e do aparelho de Estado, identificavam todos os divergentes como subversivos. Nesse contexto os movimentos radicais entram numa etapa de confronto mais viril com o controle elitista da universidade, do saber, do papel do intelectual e esse confronto resultou um esmagamento maior, por ser uma luta desigual.

Não há ciência social nem cientista social que agüente esse peso, essa sobrecarga de modo permanente. Não há cientista social que suporte essa pulverização concentrada e destrutiva da pressão conservadora, porque o trabalho dele fica esfacelado. (FERNANDES, 1978, p.68).

Ao fazer esta reflexão, Florestan Fernandes mostra a importância do envolvimento do sociólogo com as questões sociais, mas, também, indica que uma atividade militante intensa é incompatível com a vida acadêmica, podendo ser posta em prática de modo transitório em alguns momentos, mas que apesar disto a situação é produtiva para o cientista social que pode descobrir coisas sobre a sociedade, [que ficariam] ignoradas quando ele se protege por trás do escudo da

neutralidade e da profissão, isolando-se mentalmente. A Universidade centraliza certos trabalhos, mesmo com funções e estruturas que deixam a desejar.

Florestan Fernandes recebe dos militares a aposentadoria compulsória em 1968, e entra em crise psicológica, moral e política, ficando desorientado por ter se preparado tanto para ser universitário e, contra a sua vontade, ter que deixar tudo. Sem ter interesse em ser professor de Sociologia no exterior e sem poder sê-lo aqui no Brasil, perdeu seu ponto de referência e de identidade que poderia ter sido muito vantajoso para a sua sobrevivência e para o avanço do seu trabalho. Em seguida, a convite da Universidade de Toronto, no Canadá, se mudou para lá, onde lecionou por três anos, como professor titular. (FERNANDES, 1978, p.70).

Em questionamentos sobre a ideologia ser limitativa ou não, Florestan analisa que, ao desmascarar-se, o sociólogo vai mais longe, aproveitando melhor as consequências de uma superposição de expectativas, pelas quais ideologia e Sociologia entram em uma relação dialética criadora. Em todas as sociedades estratificadas existem momentos que o político equaciona-se em termos de dominação e momentos de crise e revolução. A partir desses fatores, a política se define a partir da negação da ordem, do movimento negador/crítico. Onde existe a opressão ela acaba criando a sua própria réplica, que é o movimento de negação e de superação da ordem. “A revolução é que informa a política, determina o seu sentido, fazendo com que a política se defina como prática coletiva que subverte as estruturas do poder”. (FERNANDES, 1978, p. 131).

Florestan Fernandes tomou iniciativa e foi em busca de alguns dirigentes de partidos de esquerda, no sentido de incentivar um melhor preparo doutrinário aos militantes, pois, como Lênin já dizia; “sem teoria revolucionária não há revolução” (FERNANDES, 1978, p.153). Contudo, nunca foi bem sucedido no seu intento.

Sociólogo e professor universitário, com mais de 50 obras publicadas, o nome de Florestan Fernandes está associado à pesquisa sociológica no Brasil e na América Latina. Ele estabeleceu um novo estilo de investigação sociológica, marcando um novo padrão de atuação intelectual e transformando o pensamento social do país.

4 O HOMEM PÚBLICO

Florestan Fernandes também figurou no cenário político do país, exercendo dois mandatos de Deputado Federal (1987-1990 e 1991-1994) pelo PT (Partido dos Trabalhadores), do qual era membro. Como político, atuou na Constituinte de 1988, ocupou a subcomissão de Educação,

Cultura e Esportes, na qual apresentou 96 emendas, das quais 36 foram integradas ao texto final, entre elas a que garante a autonomia das universidades, e outras, defendendo a escola pública e a educação em geral, destacando-se no debate sobre o projeto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDB.

Dentro e fora do Congresso de Brasília, Florestan Fernandes era conhecido como “mestre dos mestres”. (FREITAG, 2005).

Onze anos após sua morte, o então Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei Nº 11.325, de 24 de Julho de 2006, decretada pelo Congresso Nacional, declarando o sociólogo Florestan Fernandes, patrono da Sociologia brasileira. (BRASIL, 2006).

Florestan Fernandes nasceu em 22 de Julho de 1920 e faleceu em 10 de agosto de 1995, em São Paulo.

Em 10 de agosto de 1995, a ciência social brasileira perdia um dos seus mais importantes nomes, a política nacional dava adeus a um de seus mais honrados integrantes e a educação pública do país deixava de contar com um de seus mais ardorosos defensores. Boa parte do público que leu, no dia seguinte, a notícia sobre o falecimento do intelectual Florestan Fernandes, aos 75 anos, certamente não tinha o conhecimento de sua origem familiar e social, de sua árdua luta para superar as adversidades destinadas aos meninos pobres que habitavam a capital paulista na terceira década do século XX. (OLIVEIRA, 2010, p.11).

5 A Influência de Florestan Fernandes na produção de uma Sociologia Brasileira

Florestan Fernandes tecia críticas a produção teórica das ciências Sociais produzidas nas décadas que o antecederam, classificava-as como ensaístas, percebia a necessidade de tratar as bases das ciências sociais (Antropologia, Sociologia e Ciência Política) de forma mais científica associando metodologia, pesquisa empírica e teoria. Defendia a criação de uma sociologia mais voltada à realidade brasileira, utilizando-se dos paradigmas produzidos pelos clássicos. Nesse sentido, podemos destacar alguns pontos:

- a) Sendo professor da USP colaborou para formar professores de Sociologia que olhassem para a realidade brasileira;
- b) Seus escritos passaram a ser norteadores, pela referência que se tornaram, de diversos professores de Sociologia;
- c) Ainda sua influência é marcante sobre os cursos de Ciências Sociais.

Empenhado em alcançar esse objetivo, Florestan Fernandes se utiliza da herança cultural da sociologia, tomando-a como base sólida, explorando as técnicas de investigação e os métodos lógicos de acordo com as possibilidades e com os recursos intelectuais dos quais dispunha, começou a produzir aqui no Brasil, uma literatura científica especializada, em forma de manuais. (MAZUCATO 2014, p.5).

Simone Meucci (2001) relata a importância desta literatura para a constituição de um novo campo científico, que em seu tipo mais puro cristaliza-se na forma de “manuais introdutórios”. Muitas e concomitantes são as funções exercidas por tais manuais: delimitar cientificamente o campo de estudo (principalmente o objeto e o método), legitimar algumas interpretações teóricas em detrimento de outras e, por fim, criar um *mainstream* de cientistas que passam a ser considerados como referência para os novos estudantes destas especialidades. (MAZUCATO, 2014, p.5).

As perspectivas desses manuais elaborados por Florestan Fernandes se situam de acordo com o desenvolvimento de seus trabalhos intelectuais, que nas décadas de 1940 e 1950 se tornaram referências em Antropologia, destacando-se: *A Organização Social dos Tupinambás* (1949); *A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá* (1970b), originalmente publicado em 1952; e *A Etnologia e a Sociologia no Brasil*. No final da década de 1950 e início de 1970, quando já fazia parte do corpo docente da Universidade de São Paulo (USP), se engajou nas pesquisas sobre as questões raciais no Brasil resultando na publicação de uma série de trabalhos, consolidando sua trajetória como sociólogo e também no âmbito da Ciência Política. “Por ter transitado nestas três áreas Florestan Fernandes pode ser considerado como um dos grandes responsáveis pela consolidação e legitimação das Ciências Sociais no Brasil”. (MAZUCATO 2014, p.5).

Entre as contribuições de Florestan Fernandes na institucionalização da Sociologia, **e na sua luta** por uma Escola Pública democrática e de qualidade no Brasil, podemos destacar algumas de fundamental importância, tais como:

- a) A campanha pela escola pública. Participou ativamente do movimento em 1960, no qual sugeriu a incorporação do sistema escolar brasileiro na constituição brasileira. Sendo esta consciência pedagógica dos pioneiros, a responsável pela criação da Lei de Diretrizes e Bases;
- b) Maior atenção ao ensino, procurando instruir melhor o estudante, dando-lhe uma formação crítica;
- c) Pensamento do ensino em termos instrumentais, procurando estabelecer uma ligação entre o que o estudante aprendia e o que ele deveria aprender, compensando desta forma aquilo que lhe fora negado na escola secundária;
- d) Influência na criação de cursos de técnicas e métodos, aplicados a investigação e a parte lógica e de inferência;
- e) Empenhou-se ao máximo na procura de meios para adaptar o ensino de Sociologia às condições brasileiras;
- f) Elaboração de Manuais introdutórios para a área das Ciências Sociais;
- g) Atuou na Constituinte de 1988 em suas subcomissões, defendendo a escola pública e a educação em geral.

Recapitulando, esse tópico abordou a influência de Florestan Fernandes na construção de uma Sociologia brasileira. O autor criou de fato uma Sociologia brasileira, tendo elaborado uma teoria sobre a Revolução Burguesa no Brasil, além de influenciar uma geração de Sociólogos que viria posteriormente.

O rigor metodológico nas pesquisas, a luta pela educação pública e a elaboração de manuais de Ciências Sociais foram importantes nesta empreitada.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar as obras de **Florestan Fernandes** nos levou à reflexão sobre a realidade do ensino público no Brasil, e a percepção de que muitos avanços ocorreram no âmbito das políticas educacionais, contudo, há muito ainda à fazer. A garra, coragem e determinação desse importante sociólogo brasileiro, foi de grande importância para seu desenvolvimento enquanto intelectual, o que impactou de forma substantiva nos rumos da Sociologia no Brasil.

Os questionamentos envolvendo a educação estão sempre presentes no decorrer da história do Brasil, principalmente em se tratando da Sociologia. Florestan Fernandes, em toda sua trajetória de vida, sempre esteve preocupado com a situação educacional do País, daí a importância de sua contribuição não só como professor e investigador científico no campo da Sociologia, mas também pelo seu engajamento na luta em defesa da educação pública.

O empenho de **Florestan Fernandes** na criação de cursos em busca de melhorar as técnicas e os métodos utilizados na pesquisa, e seu comprometimento na elaboração de manuais para o ensino de Sociologia, objetivando aproximar as reflexões sociológicas da realidade brasileira, foi de grande importância para a institucionalização da Sociologia no Brasil.

Sua Trajetória como sociólogo e educador, e seu estilo independente, crítico e sério de fazer Sociologia contribuiu para a melhoria e o crescimento do Ensino Público no Brasil e para o processo educacional como um todo, defendendo sempre uma educação orientada para a formação de cidadãos capazes de aderir crítica e conscientemente aos desafios do planejamento, dentro da nova ordem social, o que torna a leitura de suas obras indispensáveis para o entendimento e conhecimento histórico do desenvolvimento social no Brasil nas últimas décadas.

Conclui-se que diante da importância das obras e feitos desse grande pensador e intelectual, esse estudo retrata apenas uma parcela de parte do que ele representa para a Sociologia e para a Educação Pública brasileira, e que sirva de incentivo aos leitores para que pesquisem e façam uma

leitura mais profunda de suas obras. A nossa intenção é contribuir com o debate sobre a obra de Florestan Fernandes e sugerir novas pesquisas, pois certamente trata-se de um clássico do pensamento social brasileiro e de um intelectual que contribuiu significativamente para os rumos do ensino de Sociologia no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maycon Bezerra de. *Florestan Fernandes: socialização escolar da Sociologia e o desenvolvimento social do Brasil*. Conhecimento escolar e ensino de Sociologia: instituições, práticas e percepções. Org. Anita Handfas, Julia Polessa Maçaira, Alexandre Barbosa Fraga. Rio de Janeiro: Ed. 7letras, p. 199-210, 2015.

BRASIL. Lei nº 11.325, de 24 de julho de 2006. Declara o sociólogo Florestan Fernandes patrono da Sociologia brasileira. Brasília, 24 de julho de 2006; 185o da Independência e 118o da República. **Espaço da Cultura Socialista**. Modo de Acesso: travessia21.blogspot. Disponível em: <http://travessia21.blogspot.com.br/2006/08/florestan-fernandes-patrono-da_16.html>. Acesso em 22/06/2015.

BRASIL. Lei nº 21.241, de 04 de abril de 1932. Art.100. Consolida as disposições sobre a organização do ensino secundário e dá outras providências. Rio de Janeiro, 4 de abril de 1932. Modo de Acesso: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D21241.htm> acesso em 12/11/2015.

FERNANDES, Florestan. *A Condição de Sociólogo*. São Paulo: HUCITEC, 1978.

FERNANDES, Florestan. *A Sociologia no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

FERNANDES, Florestan. *Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica*. São Paulo: Editora Nacional, 1967.

FREITAG, Barbara. *Florestan Fernandes: revisitado. Estudos Avançados*. Vol.19. Nº 55. São Paulo. Sept./Dec. 2005.

MARTINS, José de Souza. O Professor Florestan Fernandes e Nós. **Tempo Social**. 7(2-1): 179-186. USP, São Paulo. Outubro. 1995.

MAZUCATO, Thiago P. da Silva. Florestan Fernandes e a Consolidação das Ciências Sociais no Brasil – Da Antropologia e Sociologia à Ciência Política. **Revista Florestan**. Nº01. 2014. Modo de acesso: <<http://www.revistaflorestan.ufscar.br/index.php/Florestan/article/view/9>> Acesso em 05/11/2015.

MAZZA, Bárbara. **A Produção Sociológica de Florestan Fernandes e a Problemática Educacional: Uma leitura (1941-1964)**. 1997. [s.n.]. Tese de Doutorado apresentada ao departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

OLIVEIRA, Marcos Marques de. **Florestan Fernandes**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2010.

PIERRO, Maria Clara Di. Histórico, Objetivos e Responsabilidades sobre o Exame de Certificação. **Ebulição Virtual**. Nº18. 2015. Modo de acesso: <http://www.observatorio.daeducacao.org.br/ebulicao/ebul18/fai_laranja_04.html> Acesso em 05/11/2015.

ROVER, Ardinete (coord.). **Metodologia científica**. Modo de acesso: Unoesc Virtual. <http://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/UNOESC-Apost_Metod_Cient-1.pdf> Acesso em 15/06/2015.

SAVIANI, Demerval. Florestan Fernandes e a Educação. **Estudos Avançados**. Vol.10. Nº26. São Paulo. Jan./Apr. 1996.

ZANETIC, João. Florestan Fernandes e a Defesa da Escola Pública. **Revista Adusp**. Jan. p.14. 2006. Modo de acesso: < <http://www.adusp.org.br/files/revistas/36/r36a01.pdf>> Acesso em 02/11/2015.